

## Educação, projectos e interdisciplinaridade: quando a Matemática sai da sala de aula

Todos reconhecemos o valor educativo dos projectos interdisciplinares seja qual for o nível de ensino onde se desenvolvem. Assim, a Educação & Matemática organizou uma mesa redonda com professores de várias áreas disciplinares e diferentes níveis de ensino, que estão envolvidos em projectos em que a Matemática está presente. Tendo por referência exemplos concretos, esta mesa redonda teve como objectivos compreender como e por que surgem projectos de carácter interdisciplinar, discutir as suas potencialidades educativas e reflectir sobre como perspectivar o ensino de modo a estimular a interdisciplinaridade. A mesa redonda foi dinamizada por Ana Maria Boavida e Fátima A. Guimarães e participaram Fernanda Resende, professora de Matemática da Escola Básica 2, 3 de São Mamede de Infesta, Ana Páscoa, professora de Filosofia da Escola Secundária de Linda à Velha e Paulino Chaveiro, professor do Curso de Projecto de Design de Equipamento da Escola Secundária António Arroio. Por questões de espaço, não é possível publicar a transcrição completa da mesa redonda, tendo-se assumido a sua edição.

Educação & Matemática — Todos os professores aqui presentes estão envolvidos, ou estiveram, em projectos de natureza interdisciplinar em que a Matemática está presente. Gostaríamos de pedir que falassem sobre esses projectos.

Fernanda Resende — Normalmente, nas escolas, principalmente do ensino básico, a interdisciplinaridade surge através da área-escola. Este ano o Conselho Pedagógico escolheu para tema da área-escola Mares e Oceanos. Cada turma procurou um sub-tema e surgiram inúmeras ideias: descobrimentos, poluição, seres vivos marinhos, a baleia... Depois de ouvir os meus colegas, lancei a ideia de se fazer uma *Oceanilândia*. A ideia era reunir tudo o que fosse feito em cada turma, numa grande exposição, que tivesse um ar de festa. Achei importante criar um espaço diferente, com impacto, que surpreendesse e que fosse montado por alunos e professores. Colaboraram professores de Ciências, de História, de Educação Visual e de Matemática. Propus que estes, com os alunos, imaginassem como poderiam pegar nos trabalhos feitos, no âmbito da área escola, de modo a tornar a exposição interactiva. Por exemplo, os alunos tinham a ideia de construir peixes de várias cores e



eu sugeri que fizessem alguns só a preto e branco para se poder propor actividades relacionadas com o conceito de percentagem. Penso que as pessoas ficaram satisfeitas, os alunos adoraram.

E&M — Qual a participação dos alunos?

F. R. — Nalgumas turmas, trabalharam interdisciplinarmente para produzir alguns materiais a integrar na exposição e, como esta era interactiva, muitos outros acabaram por fazer coisas também. Havia um jogo interdisciplinar cuja base foi a História. Imaginem o *Trivial Pursuit*. O tabuleiro era a viagem de Vasco da Gama com vários percursos que conduziam a cartões com questões de Matemática, de Ciências, de História, de Inglês, de várias disciplinas imaginadas pelos alunos. Foi um jogo feito no 2º ciclo, as peças eram barquinhos e os alunos aderiram e jogaram imenso.

Na exposição, respondiam a questões relacionadas com percentagens, usavam espelhos para procurarem simetrias, usavam o tangram para fazerem peixes. No meio da sala havia um grande espaço com cubos que os alunos usavam para construir peixes, barcos, objectos relacionados com o mar. Determinavam volumes e áreas e havia cordas e seixos marinhos que eles manipulavam para resolver diversos problemas.

E&M — Onde é que aconteceu a exposição?

F. R. — Foi na biblioteca que desapareceu para aparecer um oceano.

Colaboraram na fase da montagem professores e alunos. Fizeram-se rochas em papel de cenário pintado, usaram-se redes de pesca, colaram-se tiras, camuflaram-se mesas, penduraram-se peixes, transportaram-se tabuleiros com areia e criaram-se cerca de 15 postos de trabalho, com diversos materiais, onde decorriam actividades.

E&M — Há capacidades transversais que estão presentes nos diversos programas e que, por vezes, se delegam para segundo plano...

F. R. — Pois, costumo dizer que cumprir o programa não é só dar conteúdos. Se alguém deu os conteúdos todos e não usou metodologias propostas nos programas, então não os cumpriu. Tão importantes são os conteúdos como as metodologias.

Ana Páscoa — A minha experiência é diferente, porque só trabalho no secundário. No entanto, há uma contradição no sistema e é talvez por isso que os professores querem dar os conteúdos. Por um lado, os programas apontam para essas capacidades transversais, mas depois têm conteúdos extremamente extensos, nalguns casos, absolutamente impossíveis de cumprir. No caso do secundário, chegamos ao final do ano e os alunos têm provas globais. E não nos podemos esquecer que, no final do 12º ano, há exames nacionais e aí o programa, em termos do conteúdo estritamente, tem de estar dado. No meu caso,

isso cria-me grandes complicações.

E&M — Voltando um pouco atrás, à descrição do projecto de que estávamos a falar. Que capacidades se privilegiaram e que conteúdos se trabalharam?

F.R. — Essencialmente, foi trabalhada a resolução de problemas, um objectivo prioritário do ensino e aprendizagem da Matemática. Havia problemas não rotineiros que se propunha que fossem realizados em grupo para permitir a discussão. Assim, um dos valores privilegiados foi o da socialização. Quanto aos conteúdos dos programas de Matemática do 2º ciclo, estiveram presentes, as áreas, os volumes, as percentagens, as simetrias e os números. À volta de um jogo construído nas aulas de História e de Educação Visual que descrevia a viagem de Vasco da Gama, os alunos responderam a questões de Matemática e de Ciências.

E&M — Penso que o projecto em que o Paulino está envolvido tem características completamente diferentes...

Paulino Chaveiro — O projecto *Operação Geodésica* surge na Antónia Arroio, enquadrado num grupo de acções. Propus e trabalhei junto dos professores da disciplina de projecto, tecnologias e experimentação, um conjunto de acções/projectos, que foi apresentado à escola, a fim de ser integrado na candidatura ao programa PRODEP 98. Entre estas acções encontra-se este projecto, aberto, cuja temática é dedicada à EXPO 98. Trata-se de um projecto aberto. Havia a intenção de prestar uma homenagem ou dedicar um projecto à EXPO 98 mas, em Outubro de 97, não havia ainda uma ideia projectual definida. Para nós é importante que o projecto pertença aos alunos, para que participem com maior motivação em todas as suas fases. Desde o início do processo que eles contavam com o apoio dos professores para a defini-



ção de uma ideia projectual. Um deles propôs trabalhar o interior de uma estrutura esférica e, a partir daí, surgiu a situação de trabalho. Depois simplificou-se a ideia desse aluno. Então, chegou-se à tradicional, e já muito conhecida, esfera geodésica que está por todo o mundo e que já foi retomada milhares de vezes por professores de Matemática, de Ciências e de Projecto e Tecnologias. Tratava-se de construir uma esfera geodésica na sua primeira modulação. Havia que definir todos os elementos estruturais, planificar e construir a estrutura e identificar um local e plano de montagem para a mesma. Nesta altura faltavam 100 dias para a EXPO. Realizou-se um pequeno texto de apresentação do projecto *Operação Geodésica* onde se incluiu, para lá destes dados, um cronograma e as características dos participantes. Enviámos este texto para a DREL e também para a EXPO. Este foi o enquadramento inicial do projecto. Um grupo de alunos do 12º ano, avançou, então, com o projecto. Nesta equipa, em que todos deram a sua melhor colaboração, destaco o aluno João Pedro Cabral, responsável pelo projecto, que muito contribuiu para o sucesso dos estudos realizados.

Define-se, então, a metodologia projectual e constatam-se as necessidades de colaboração interdisciplinar do projecto. E a principal era, declaradamente, a Matemática. Estes alunos não têm Matemática. Alguns têm Métodos Quantitativos. Foi aí que a Rita Bastos, delegada de Matemática, se prestou a dar todo o apoio. A matemática estava fora da sala de aula e entrou com a vinda da Rita, todas as quartas-feiras, tentando ajudar a resolver, junto dos alunos, os problemas de Matemática que havia, e por outro lado, tomando conhecimento de como se estavam a resolver esses problemas através da Geometria. A Rita tinha curiosidade pela resolução dos problemas através da Geometria Descritiva e eu e os alunos tínhamos curiosidade de conhecer o modo de resolução matemático.

E&M — Qual era a postura dos alunos relativamente à Matemática?

P.C. — Sobretudo de expectativa relativamente às razões matemáticas que apareciam e que eram vitais. De facto, estávamos-nos a arriscar a construir uma esfera com uns cinco, seis metros de altura. Para que a construção resultasse, precisámos de determinar as relações entre a aresta e o raio. Quanto ao local para a sua construção, colocámos sempre duas hipóteses, a escola ou a EXPO.

Voltando à questão da interdisciplinaridade e da matemática fora da sala de aula. Penso que todas as outras disciplinas deveriam estar fora da sala de aula, não só a Matemática. Na estrutura curricular de um curso todas as disciplinas devem participar em interdisciplinaridade e são todas extremamente importantes, desde os estudos em Estética, aos estudos em Matemática, até à Psicologia da cor, ou da forma, ou à Sociologia ou até à própria filosofia do projecto...

E&M — A Matemática aparece como uma ferramenta, neste caso concreto, ao serviço de um projecto que foi a construção da geodésica. A Matemática só poderá sair para fora da sala de aula no âmbito de projectos em que desempenha, exclusivamente, esse papel?

F. R. — Posso contar uma história real, que se passou comigo há uns anos atrás. Faltavam três dias para acabar o ano e uma colega de Ciências trouxe uma montanha enorme de inquéritos para trabalhar com os alunos ao nível de Estatística. Confesso que fiquei desorientadíssima, frustrada, porque, realmente, não tinha participado no projecto. É muito seco e árido para mim, como professora de Matemática, que quer popularizar a Matemática, pegar apenas num monte de inquéritos e trabalhá-los na sala de aula. Vai contribuir para que os alunos fiquem com a imagem de que a Matemática serve apenas para fazer cálculos, contas, que é uma imagem de que eu não gosto. A partir daí, tentei ter uma atitude mais activa e dinâmica, tentando discutir o que é que se ia fazer com os alunos e com os colegas, como e porquê.

P.C. — O meu grupo é, também, vítima desse tipo de encomendas, e

isso tem a ver com um trabalho que é preciso promover nas escolas, porque trazer as disciplinas para fora da sala de aula significa nós trabalharmos mais em equipa, planearmos em grupo os projectos. A Rita não se sentou à mesa, connosco, no início deste projecto, mas tinha conhecimento do projecto e ela própria também colocou questões.

E&M — O que é que faz com que as pessoas trabalhem em equipa?

P.C. — Ao princípio, é um problema de iniciativa. Não temos todos de ter iniciativa ao mesmo tempo, basta que alguns a tenham e que desafiem os outros. Depois, trata-se de um problema de empatia e motivação face ao projecto.

A. P. — Penso que no caso das escolas a visão utilitarista dos saberes só desaparece se o projecto não for de um, ou de uma disciplina, mas se for, realmente, um projecto, logo à partida colectivo. E se for nascendo do esforço colectivo. Aí é que realmente a Matemática ou o Desenho não são instrumentos, pois há um esforço colectivo de feitura das coisas.

F. R. — Acho de extrema importância a vivência pelos professores e pelos alunos de situações em que a Matemática e as outras disciplinas interagem, porque, na vida real, a Matemática está directamente ligada a imensas áreas de saber e os alunos compreenderão melhor esta interligação se a viverem na escola.

P. C. — Até porque na vida real isso funciona mesmo assim. Que equipa melhor do que a que está dentro de uma escola? Reuno uma série de profissionais, meus colegas, com os quais tenho uma relação profissional extremamente boa, para os poder desafiar e pensar o que é melhor para resolver um problema. Na escola, a questão fundamental dos projectos interdisciplinares, deve ser a escolha do percurso de formação do aluno, a linha de orientação pedagógica, mais do que ser a disciplina de Projecto ou a de Matemática a desencadear o trabalho.

E&M — Do que foi dito destaca-se a importância dos projectos serem

construídos colectivamente. Concretamente no projecto em que participa a Ana, como foi esta dimensão introduzida? Como surgiu o projecto?

A. P. — O projecto Nereida, em que participo, é diferente dos vossos. É um projecto do ensino secundário e europeu, integrado no programa Sócrates. Nasceu por iniciativa de um professor de Matemática das Canárias que conhecia uma colega de Matemática portuguesa, a Ana Vieira. A Ana começou a falar na escola e eu envolvi-me. Depois, começámos a falar com outras pessoas. De facto, são as pessoas as razões que nos movem. O projecto envolve três países, Espanha (Canárias) Portugal e Itália, participando duas escolas italianas, duas escolas das Canárias e duas turmas de uma escola portuguesa. É um projecto de 3 anos. Começou no ano lectivo 97/98 e o primeiro ano foi essencialmente de formação de professores. O segundo e o terceiro são de trabalho com os alunos.

O tema, navegação marítima entre 1400 e 1700, é bastante bom e permite a entrada de várias disciplinas. Colaboram professores de Filosofia, de Matemática, de Português de Geografia e de História. Não foi possível a participação de outros colegas.

As dificuldades de um trabalho deste tipo são as que já conhecemos, não vale a pena estarmo-nos a lamentar, mas, de facto, são reais. Tivemos, da parte do Conselho Directivo, bastante abertura, atendendo às condições em que ele também funciona. Tínhamos como objectivos trabalhar com os alunos o panorama geral da História e Geografia europeias no sec. XV- XVI, o século XVI, enquanto século de rupturas, crónicas e diários de navegação, cartografia, a nova concepção do mundo, do Homem e do Saber e a Matemática das técnicas e instrumentos de navegação. Ora, ao longo



deste ano, achámos que era útil pôr os alunos, e isto é uma forma de interdisciplinaridade, a trabalhar nas várias disciplinas, segundo as mesmas metodologias.

Este ano foi muito engraçado, porque fizemos várias acções de formação entre nós próprios. Houve três acções orientadas pelos professores de Filosofia e de História e duas por colegas de Matemática. Realizámos acções sobre a época histórica do final da idade média, nas quartas-feiras em que tínhamos duas horas livres, sempre que não havia reuniões. Programámos e fizemos uma série de conferências. Foi muito engraçado ter professores de Matemática, História e Português, há anos sem Filosofia, e mostrarmos que é possível fazer uma outra leitura das coisas.

Utilizámos como metodologia passagens do filme *O Nome da Rosa* e alguns textos do Humberto Eco, para mostrar as características da mentalidade medieval e da mentalidade moderna nascente. Reflectimos sobre diálogos do filme que mostram instrumentos da modernidade, o critério da observação e da experimentação contra o critério da autoridade e analisámos quadros da época. Os colegas de Matemática trataram o tema noções básicas de astronomia e instrumentos náuticos. Nós, também não fazíamos a menor ideia de como se utilizavam.

Este ano realizaram-se na escola várias sessões de astronomia com observação nocturna dos astros. Aproveitámos essa oportunidade e dinamizámos os alunos para assistir connosco às observações astronómicas. Compareceram e aderiram. Foram noites muito bonitas...

Não foi possível realizar as outras conferências previstas, por exemplo, as pensadas a partir de textos dos *Lusíadas* e da *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto. Como sabem, a partir do 3º período, as escolas secundárias entram em grandes preparativos para os exames e para as provas globais.

Para mim, a grande vantagem do trabalho de projecto e da interdisciplinaridade, no que diz respeito aos

professores envolvidos, é que ele nos ajuda a coordenarmo-nos muito mais do que fazíamos até agora. O debate, entre nós, a formação e o conhecimento dos currículos das outras disciplinas foi bastante positivo. No final do ano, fizemos um seminário com os professores espanhóis e italianos do qual resultou o trabalho para o próximo ano lectivo, que vai implicar a leitura de textos comuns entre os alunos portugueses, espanhóis e italianos. Propusemos um pequeno conto da Sofia de Mello Breyner *A Viagem* e textos do Galileu, sobretudo para tratar a época. Como se pode ver, este ano, tal como estava previsto, o trabalho com os alunos não se realizou. No entanto, quisemos envolvê-los logo desde o início, porque se não houvesse vontade dos alunos o projecto morria.

Em 1998, estive em Lisboa, no Museu da Electricidade, uma exposição brasileira, espantosa, intitulada *A Terra do Índio*. É sobre a chegada dos europeus ao Brasil e, em particular, dos portugueses: a maneira como estes viram os índios brasileiros e, sobretudo, a maneira como os índios brasileiros viram os portugueses e o que resultou do confronto destas civilizações em termos de aculturação e valores. Uma de nós tinha visto a exposição e considerámos que se adaptava ao tema do projecto: a navegação marítima entre 1500 e 1700. Aproveitando a exposição, preparámos colectivamente uma visita de estudo orientada, pois discutimos previamente o que os alunos iam ver e propusemos uma tarefa. E, de facto, eles aí sentiram que houve um conjunto de professores de várias disciplinas que se envolveram para preparar a visita. Viram que participaram numa actividade que resultou de uma coordenação dos professores. Posteriormente à exposição, tiveram de produzir um pequeno trabalho e surgiram trabalhos muito bons.

Os valores são uma parte do programa do 10º ano de Filosofia. Não nos cingimos ao programa, mas aproveitando-o trabalhámos algo que o extravasou. A partir daquele exemplo concreto, analisámos uma época e

mostrámos o choque e a transformação de valores. E para além do conteúdo e das competências, a atitude dos alunos no final da exposição, e sobretudo durante a feitura dos trabalhos, foi de grande responsabilidade e respeito. Foi uma actividade, com alunos, realmente conseguida.

Em relação à Matemática, está prevista a construção de um relógio de sol no pátio da escola. Ainda não nos sentámos a concretizar mais as coisas, mas um projecto também é isso mesmo, à medida que vamos avançando, vamos vendo. Em Filosofia, a partir dessa actividade que os alunos vão realizar, vamos discutir a noção filosófica e psicológica do tempo.

Queria acrescentar uma ideia relacionada com a questão da Matemática ser ou não ser um instrumento, uma ferramenta. Normalmente é assim, quando as coisas não são discutidas, mas penso que há um aspecto em que a Matemática se aproxima muito da Filosofia. A Matemática, entre os seus objectivos, tem o desenvolvimento do raciocínio lógico, que a Filosofia também tem. E qualquer outra disciplina deverá ter. É uma componente importante na formação de qualquer aluno, de qualquer cidadão. O professor de Filosofia e o professor de Matemática devem enfatizar este aspecto. Tanto em Matemática como em Filosofia desde que haja um raciocínio lógico, uma sequência, uma argumentação coerente, correcta e fundamentada, está sempre certo. Penso que o professor de Matemática deveria, nas suas aulas, mostrar esta dimensão da actividade matemática. A Matemática não é aquela certeza que os alunos, a escola, ou até alguns professores pensam que é.

E&M — Qual foi a mais-valia que trouxe o facto de terem participado em projectos em que a Matemática está presente?

A. P. — Para mim, é muito importante, por exemplo, sentar-me à mesa com as pessoas de Matemática do projecto e conhecer o seu currículo. E, sobretudo, tem sido extremamente enriquecedor discutirmos metodologi-

as de trabalho em sala de aula. Assim, percebo que é perfeitamente possível, em Matemática, trabalhar-se em grupo na sala de aula, coisa que não saberia se não participasse neste projecto. Vi ser possível trabalhar em Matemática usando processos semelhantes aos da aula de Filosofia. Além disso, aprendi, e estou a aprender, muitas outras coisas. Por exemplo, a questão dos instrumentos náuticos, como se utilizam em actividades de medição, sua importância...



P.C. — Não é a primeira vez que participo em projectos interdisciplinares em que a Matemática está presente e sempre imaginei esta disciplina, tal como a Física ou a Geometria Descritiva, da mesma forma que imagino e construo a disciplina de Projecto, ou seja, a partir de ideias projectuais que constituem desafios motivadores para os alunos. Por sistema, coloco de parte aulas expositivas fechadas sobre um programa. É uma questão de criatividade para a acção didáctica e pedagógica.

O projecto *Operação Geodésica* e a participação da Rita junto de nós, em pé de igualdade, esta interdependência entre todos, funcionou para as duas disciplinas como um desafio sobre um conjunto de problemas nos quais estávamos muito interessados. E é isso que imagino, que espero da Matemática, como o espero de outras disciplinas. É que se criem, em grupo, entre os professores módulos de aprendizagem sobre o trabalho de projecto onde os principais factores são, sem dúvida, ganhar a participação motivada dos alunos e dos professores.

E&M — Que dificuldades se levantam à concretização de projectos interdisciplinares? E como as ultrapassamos?

A. P. — As dificuldades começam com os horários e a coordenação dos projectos. As escolas funcionam a tempo inteiro, portanto, com dois turnos, manhã e tarde. Quando nos queremos encontrar é uma dificuldade. Tentámos aproveitar todos os bocadinhos para fazermos reuniões, muitas vezes à nossa custa. Os alunos do secundário só trabalham no projecto se quiserem e estiverem motivados, mas aderem todos porque a motivação de conhecerem outros países, contactarem com outros colegas estrangeiros, é grande. Mas o ensino secundário é altamente competitivo. Os alunos preocupam-se com os exames, vão ter que entrar nas universidades e, para isso, a nota é determinante e não deixa tempo livre nem disposição mental para o trabalho de projecto.

P. C. — Mas é possível.

A. P. — É. Todos os anos temos projectos de História, de Geografia e de Português, envolvendo os alunos das artes, que são grandes projectos de escola. Neles, os alunos trabalham noites a fio, fins-de-semana, saem de lá, por vezes, às 3 ou 4 da manhã e estes trabalhos não contam para a avaliação.

P.C. — Devemos aos alunos uma abordagem ao mundo contemporâneo e uma explicação sobre a sua crescente interdisciplinaridade. Daí a necessidade de uma maior ligação às realidades fora da escola, e de estabelecer pontes entre os "nossos mundos disciplinares".

A. P. — Concordo que, de facto, há um desfasamento entre o que se passa cá fora e os objectivos do ensino secundário. Estes objectivos acabam por, em termos práticos, limitar bastante.

E&M — Pode então concluir-se que a maior parte das escolas não têm uma cultura favorável ao aparecimento de projectos?

A. P. — Acho que têm. A minha escola tem. Todos os anos surgem *n*

projectos, no ensino secundário e também no 3º ciclo, no âmbito da área-escola. Felizmente, em todas as escolas, há professores que vencem a inércia e as dificuldades.

Apesar de eu considerar que há uma cultura de projectos, nas escolas os projectos não são muito frequentes. Isso pode ser explicado pelos constrangimentos que são muitos, e que no ensino secundário são cada vez mais. As iniciativas dos professores e dos alunos acabam por ser dificultadas. As condições de trabalho são deficientes. Por exemplo, nas escolas das Canárias, as aulas só funcionam de manhã, havendo assim, da parte da tarde, tempo para professores e alunos se encontrarem.



P. C. — Considero também que, neste momento, as escolas já têm uma cultura de projectos. Para a construção dessa cultura, as escolas terão de assumir a autonomia que possuem, as instituições terão de fazer determinadas opções. Há ainda dificuldades a ultrapassar e por isso devemos organizar, nas escolas, grupos de trabalho que desenvolvam propostas credíveis de criação de condições, projectos, espaços e equipamentos; formalizar estas propostas, através dos órgãos representativos para que se possam desenvolver novos sistemas de funcionamento de prática pedagógica.

Na escola António Arroio sempre se apresentaram propostas de trabalho que visam, entre outros aspectos, a autonomia da escola e a resolução das situações específicas de aprendizagem que mais a caracterizam, o ensino artístico. Um exemplo prático desta autonomia, são as oficinas de

arte que possibilitam a todos os alunos participarem ao longo de três anos em todas as oficinas que existem na escola: fotografia, audiovisuais, equipamento, ourivesaria, têxteis, cerâmica. Esta experiência dá uma formação geral aos alunos riquíssima.

E&M — Para terminar esta mesa redonda, há algum aspecto que gostariam de destacar?

A. P. — Refiro a vontade de trabalhar interdisciplinarmente, mesmo que não saiam produtos. No mundo de hoje os alunos precisam de competências ao nível da organização e orientação do trabalho colectivo de acordo com os recursos disponíveis e, de facto, a vivência de projectos permite isso. Hoje, não basta um saber especializado e o projecto leva a que os alunos o percebam. Permite o desenvolvimento do espírito crítico, da cooperação, da solidariedade, valores que no nosso ensino, muitas vezes, são esquecidos.

P. C. — Em relação ao incentivo para trabalhar em projectos, identificava duas situações: a primeira é a possibilidade de nos reunirmos em torno da resolução de um problema. É muito útil e ganha-se, de facto, motivação. Hoje, perante os problemas que se colocam, é quase impossível trabalhar sozinho, são necessários, muitas vezes, conhecimentos de áreas muito diversas e que não domino. Por outro lado, trabalhar em projectos interdisciplinares é um contexto ideal para o professor ensinar aos alunos a trabalhar em equipa. Por permitir o processo de socialização.

F. R. — Em projectos interdisciplinares onde a Matemática está presente, valorizo especialmente a motivação e interesse o resolver problemas em conjunto, o desenvolver da socialização e o prazer de fazer Matemática. Fazer coisas com prazer e alegria, motiva e pode tornar uma área considerada, normalmente, o lobo mau das matérias disciplinares, em algo bem mais agradável e mais popular. A interdisciplinaridade pode ajudar nestes aspectos.